

Projetos devem visar jovens urbanos

FGV sugere políticas de inclusão digital

INCLUSÃO DIGITAL

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

A partir do Mapa da Exclusão Social, a FGV propõe algumas políticas públicas para o setor. No site do Centro de Políticas Sociais da fundação os dados da pesquisa podem ser baixados gratuitamente, e seus autores esperam que eles sejam usados por governos, empresas e organizações.

— O interesse sobre o assunto cresce desde o ano 2000, quando o Banco Mundial criou o termo *Digital Divide*, mas faltava um estudo científico para orientar grandes projetos governamentais — explica Rodrigo Baggio, diretor-executivo do CDI e idealizador do estudo.

Por uma questão prática, Marcelo Neri propõe que os projetos de inclusão digital sejam direcionados a jovens urbanos, moradores de favelas e periferias. O interior do Brasil também é excluído, mas nesses locais falta a estrutura de internet ou mesmo energia elétrica. Enquanto no sertão nordestino 44% das pessoas usam lâmpadas, nas favelas do Rio de Janeiro quase todos os moradores têm acesso à energia elétrica, mesmo que por "gatos".

— Já foram criados bons programas de inclusão digital, como o bolsa-escola e Fome Zero, mas as periferias das metrópoles estão órfãs de políticas sociais.

A melhor maneira de fazer programas de inclusão digital que mirem nas crianças é colocar computadores nas escolas, mas ele não pode estar sozinho. Sem uma alteração na linha pedagógica e a adequação do computador ao ensino, ele é apenas uma máquina barata.

— Em muitos casos o desin-

teresse das escolas pelos computadores é tamanho que o governo os envia e eles permanecem encaixotados por meses — conta Rodrigo Baggio.

Alguns dados do Mapa da Exclusão Digital também contrariam o senso comum e dão ideias para a criação de políticas para setores e regiões. específicas Além da população negra e parda ser mais pobre, a chance de um negro ter um computador equivale à metade daquela de um branco de mesma renda e nível educacional. Também comparando pessoas de mesma renda e nível educacional, um paulista ou carioca tem mais chance de possuir um computador que um morador do Piauí, Rorônia ou Tocantins.

Casos como o de Ednilson Bezerra, 25, morador do morro de São Carlos, mostram que projetos de inclusão digital podem ajudar para a inclusão social. Em 1999 ele foi convidado para ser instrutor de uma escola que o CDI iria abrir em sua comunidade. A partir dessa experiência conseguiu estagiar em uma empresa de internet, e agora tem um pequeno negócio de manutenção de redes e é funcionário do CDI. De seu próprio bolso, paga um curso de tecnologia de redes de computadores em uma faculdade particular. Muitos de seus colegas da escola primária foram para o crime e não estão vivos.

— A informática não é o único elo de salvação, a escola não é ela ou o crime. Acreditamos que a tecnologia pode ser usada como uma ferramenta de desenvolvimento mesmo por quem decide se tornar um padeiro ou bombeiro — afirma.

www.fgv.br/cps

BRUNO LOPES
REPÓRTER DO JB

No estado e no município do Rio de Janeiro o mapa da exclusão digital mostrou que a desigualdade no acesso a bens de tecnologia repete os desníveis sociais. Existem alguns poucos bairros de grandes cidades com um nível de conexão à internet comparáveis a países ricos, cercados por bairros onde o computador está longe da vida cotidiana.

O Rio de Janeiro é um dos estados mais digitalizados do país, perdendo apenas para São Paulo e o Distrito Federal. Mesmo assim, é um número pequeno: apenas 15% dos fluminenses possuem computadores em suas casas.

Mais de 60% dos domicílios da Lagoa têm computador

A cidade de Niterói, onde a qualidade de vida é maior, também lidera o índice de inclusão social, seguida pelo Rio de Janeiro e Volta Redonda.

Também não é surpresa que pequenos municípios do interior, como Varre-sai e São José de Ubá, estejam entre os menos digitalizados. No entanto, municípios da região do Grande Rio, como Queimados e São João de Meriti, também possuem altas taxas de exclusão digital — neles, menos de 5% das residências possuem um computador pessoal.

Dentro da cidade do Rio de Janeiro as diferenças são ainda maiores que as nacio-

Niterói é o município mais incluído do estado

Estado do Rio perdeu a liderança em informatização nas escolas públicas



como o Complexo do Alemão e a favela da Maré, são aqueles que mais frequentam as páginas policiais dos jornais. Isso reflete a falta de oportunidades que têm esses moradores, e mostra que aí podem ser desenvolvidas ações de inclusão digital — analisa Marcelo Neri.

Analisando o uso dos computadores nas escolas, o estado do Rio de Janeiro não está entre os piores,

Na Rocinha, só 7% dos moradores têm acesso a um micro

mas parece ter perdido a liderança que detinha nesse campo. Em 1997, quando a internet ainda dava seus primeiros passos no Brasil,

22% das escolas públicas do estado tinham computadores. Em 2001 esse percentual tinha aumentado para 34%, mas o Paraná e São Paulo foram mais determinados em seu programa de informatização das escolas e tiraram a liderança do Rio de Janeiro.

As finanças do estado estão quebradas, mas os meios publicamente a nova administração afirma que a inclusão digital é prioridade. O Proderj, empresa de processamento de dados do estado, ganhou como nova função a realização de projetos de inclusão digital, e foi o primeiro órgão público a declarar que irá utilizar os dados da pesquisa da FGV na elaboração dos seus programas.

bruno@jb.com.br

nas. Na Lagoa, que na pesquisa também inclui Gávea, Ipanema e São Conrado, quase 60% das residências possuem computadores. Mas dentro desse distrito existe a favela da Rocinha, onde os PCs estão em menos de 7% das casas.

Em termos absolutos, é também na capital que está o maior número dos excluídos digitais — mais de 4 milhões

de pessoas não têm acesso a um PC na cidade. Entre os bairros com o menor número de computadores por casa estão as favelas do Complexo do Alemão, Jacarecinha e Maré. Considerando que políticas de inclusão são mais eficientes nas cidades, é o Rio de Janeiro que mais tem a ganhar com elas.

— Não é coincidência que os bairros mais excluídos,